

Narrativas Seriadas Atípicas: As Representações De Identidades Nos Fluxos Conectados¹

Matheus BERTOLINI Amorim²
Luiza de Mello STEFANO³
Joana de Fátima Teodoro CAMPOS⁴

Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais
Programa de Pós Graduação em Comunicação – Faculdade de Comunicação

RESUMO

Inseridas na cultura conectiva, as séries originais Netflix habitam e interagem exclusivamente frente ao *streaming* e as arquiteturas digitais comunicacionais. Essa aparição hiperconectada é remediada pelos Fluxos, que por sua vez, possibilita a multiplicidade complexa de interfaces e interligações. Diante disso, são potencialmente influenciadoras e abordam reflexos das narrativas seriadas e enredos construídos com contextualizações que expandem o padrão comunicacional difundido. Duas séries colocam em voga questões referentes à identidade em rede e compilações relacionadas à saúde, são elas: “Atypical” e “Alexa & Katie”. Interpelamos neste trabalho partindo da convergência dos conceitos aferidos e na relação que ambas estabelecem por meio do diálogo identitário perante os públicos atingidos, tornando-os capazes de fortalecerem laços sociais e projeções cognitivas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Conectiva; Fluxos; Identidade; Netflix; Serialidade.

Introdução

A reconfiguração do consumo dos produtos audiovisuais já é um fator onipresente diante da hibridização midiática e em rede. Em consequência, para uma maior imersão, é necessário ambientarmos esse cenário contemporâneo diante dos encadeamentos e antecedentes históricos que dão corpo ao atual patamar de circulação e fruir de tais produções seriadas. Para isso, propomos uma breve contextualização

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018;

² Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF na linha: Competência Midiática, Estética e Temporalidade. Membro do grupo Conexões Expandidas. E-mail: matheus.bertolini@gmail.com;

³ Mestranda em Comunicação pelo PPGCOM/UFJF na linha de pesquisa Estética, redes e linguagens. Pós-graduanda em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais e membro do grupo Conexões Expandidas. E-mail: luizamellost@gmail.com;

⁴ Graduanda de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da UFJF e Membro do grupo Conexões Expandidas. E-mail: joannacampos3@gmail.com.

temporal e estética para debruçarmos sobre possíveis avanços das mensagens em relação ao progresso dos meios conectivos e digitais.

O atual habitat das séries web é um reflexo da convergência midiática e do advento da Web 2.0. A primeira, por sua vez, parte da ideologia proposta por Jenkins (2009) que entende essa união de diferentes funcionalidades comunicacionais como um fator também cultural. Essas múltiplas interfaces possibilitam a compreensão diante do que estamos socialmente incluídos, ou seja, interagentes dessa relação interconectada entre os conteúdos audiovisuais seriados e a influência das redes. Portanto, com a convergência, conseguimos moldar os desejos das marcas ao circularem os produtos, de tal forma que o processo em si não efetive-se meramente entre as tecnologias e máquinas, mas principalmente diante das experiências e dos laços estabelecidos entre os próprios usuários e, também, os elos afetivos diante das narrativas consumidas.

A forma de se conectar também é imprescindível para processarmos a maneira como temos acesso, decodificamos e, conseqüentemente, ingerimos essa mensagem. O termo 2.0, designado à essa Web conectada, é empregado com intuito de colocar em questão as múltiplas possibilidades de contato aos inúmeros canais de difusão de obras e vieses de interatividade. Esse fluxo caracteriza-se por uma esfera midiática que coloca sob controle dos usuários inovações tecnológicas e funcionalidades que se interconectam, possibilitando a decisão sobre a demanda e vontade individual frente ao consumo e/ou produção. Estar conectado em todos os lugares faz expandir a ideia fixa e rígida da materialidade de um cabo, para um cenário onde a comunicação é ubíqua (SANTAELLA, 2013) e potencialmente interativa pela sociedade de fluxos.

Com isso, há inúmeras demandas latentes por expansões, uma delas resume-se ao produto primário habitar simultaneamente demais plataformas digitais e, com isso, expandir as novas narrativas para um fluxo hiperconectado. Dessa forma, infinitas estratégias entram em circulação para possibilitarem uma dinâmica comunicacional à audiência prossumidora⁵. Seja pela narrativa transmídia (JENKINS, 2009), memes, entrevistas, trilhas sonoras, *spin-offs*, entre outros; esses conteúdos assumem um caráter de propagabilidade (JENKINS; GREEN; FORD, 2014) e, por conseguinte, ocupam além dos meios, diferentes perfis de usuários que, mesmo habitando esse ecossistema

⁵ Produtor e consumidor ao mesmo tempo (SANTAELLA, 2014).

conectado, possuem particularidades afetivas em relação à essa complexidade e fluir de tais narrativas e caminhos alternados de consumo.

Narrativas Seriadas E Conectadas

A Netflix tal qual como conhecemos atualmente, ganhou corpo e atuação digital a partir de 2007. A provedora global de filmes e séries foi fundada em 1997 nos Estados Unidos da América e surgiu como uma distribuidora física de DVD's pelo Correio. O modelo de negócios de sua inauguração não difere-se da ideia que temos da mesma atualmente. Por um plano mensal, seus usuários tinham acesso à uma listagem que possibilitava a locação de títulos que eram entregues via mídias físicas. Atualmente, a circulação via web, baseia-se das mesmas premissas: uma assinatura mensal, com produtos que podem ser consumidos, porém não dependem da materialidade digitalizada em aparatos de reproduções físicos; basta um aparelho que tenha conexão com internet, ou mesmo, o *download* realizado da obra (dentro da própria plataforma) com antecedência.

Esse conteúdo referido disponibilizado pela plataforma está se tornando cada vez mais um diferencial para a marca que expande sua distribuição mês após mês. A empresa *streaming*⁶ oferece um cardápio de séries e produtos audiovisuais originais como uma alternativa das demais vias *on-demand* que usa-se desse fluxo de mídia para proporcionar aos usuários a experiência de assistir onde e quando quiser. A Netflix em especial vem ganhando espaços notórios com seus conteúdos originais, uma vez que os mesmos são pensados exclusivamente para preencherem uma lacuna unicamente da web, ou seja, os produtos são criados para a web, consumidos pela web e transmediatizados para a web.

A definição da palavra “série” via dicionário, caracteriza o termo como “quantidade de fatos ou coisas da mesma classe que se apresentam um após o outro, em sucessão espacial ou temporal.” e vem da variação do latim *seriēs,ei* que significa: enlaçamento, encadeamento, fieira, série (de objetos). E partindo dessa conceituação literal, vislumbramos fatores que, quando somados, tornam-se variáveis consideráveis

⁶ *Streaming* é um avanço tecnológico destinado à circulação e fluxo de produtos audiovisuais. As plataformas que fazem uso dessa vertente englobam nesses dispositivos o envio de informações multimídia, através da transferência de dados, utilizando redes de computadores, por meio da Internet.

para uma maior compreensão do produto seriado: espaço, tempo e afeto - construindo uma resultante dos enlaces que dão base à narrativa e estética que serão consumidas e colocadas em fluxo diante de seus espectadores.

O que caracteriza as webséries é o fato de serem exclusivamente produtos para se consumir dentro do ciberespaço, o que transforma a estrutura das mesmas para se enquadrar dentro de uma diferente perspectiva que procura abranger diferentes públicos. As séries para TV seguem um ritmo diferente tanto temporalmente, quanto na forma e linguagem utilizada para atingir os seus telespectadores. A mudança nessa dinâmica se dá através de adaptações feitas para que ambas cumpram a sua missão de entreter e serem portadoras de mensagens a sociedade.

Mas o que mudou das séries televisivas para as séries da internet? Podemos ressaltar como maior progresso o formato de se consumir tais produções. Muitos acreditam que a alteração parte da produção, mas precisamos ressaltar que as séries assumem - em ambos os meios - similaridades que não as diferenciam grotescamente. O autor Jean Pierre Esquenazi (2011), em sua obra intitulada “Séries Televisivas”, expõe que consumir séries tornou-se um fenômeno social que chega a atingir a esfera midiática. Ele ainda justifica que esse novo “prato principal” oferecido é resultante de uma soma de fatores sociais e passionais que englobam toda a narrativa e estética desses produtos. E com o consumo *on-demand*, esperar um episódio não se faz mais necessário. O fluxo desse consumo é totalmente criado/alterado pelo próprio consumidor.

Ainda dentro das ideias de Esquenazi (2011), o fato das pessoas se identificarem por esses conteúdos seriados parte também de uma cumplicidade do fã. O termo cumplicidade aqui se caracteriza pela atuação do público que se afeiçoa com algo e colabora para o sucesso da mesma de diferentes formas. Esse afeto estabelecido diante as identidades que são retratadas, transportam a ficção para a vivência real dos espectadores, e com isso, conseguimos expandir as narrativas que não possuem proporcionalmente a mesma visibilidade para o cotidiano socialmente vivido.

Dessa forma atingimos mais um diferencial da Netflix, que são as temáticas abordadas através de uma idealização diferente daquela que seria adotada pela mídia tradicional e a recepção do público que agora se torna cúmplice de uma narrativa que não especula mais uma problemática, mas a inclui em seus personagens centrais e complexos para que haja uma projeção diante do que irá circular naquele enredo.

Identidades Nos Fluxos Conectados

Podemos enunciar que a convergência das funcionalidades de comunicação, proporcionam uma adaptação dos conteúdos que passam a ser expostos para o acesso do público. Assim como o impresso se adaptou expandindo suas edições para um portal online, o audiovisual também se reconfigurou para uma progressão do modo de distribuição de suas obras. A função *streaming* surge então para possibilitar um nova circulação, e a partir dessa funcionalidade, o consumidor traça seu fluxo a partir de sua demanda individual.

Essa coexistência dos meios, altera também a dinâmica dos produtos ofertados, fazendo com que haja uma reconfiguração estrutural dos produtos inseridos em cada um. Com a possibilidade de expandir seus conteúdos para diferentes plataformas, e consequentemente atingir uma gama maior de espectadores por meio de narrativas transmídias e histórias paralelas, multiplataformas, conseguindo captar o espectador, e por vezes trazendo o mesmo para participar desse processo.

Uma rede acontece quando os agentes, suas ligações e trocas constituem os nós e elos de redes caracterizadas pelo paralelismo e simultaneidade das múltiplas operações que aí se desenrolam. (...) As redes de computadores formam uma treliça de processadores heterogêneos, todos eles podendo atuar como fonte e como escoadouros (SANTAELLA, 2003, p.89).

Porém, é importante a compreensão de que existem fatores mediatizados por uso das tecnologias que proporcionam o caráter identitário das obras. Nesse momento, o meio se torna o agente difusor dos fluxos, mas o que interfere nessa reprodutibilidade ficcional e afetuosa é a mensagem. Obviamente que ambos agem concomitantemente, e dessa forma, há uma conectividade entre os dois, afinal, imersos em uma sociedade de rede e fluxos, tudo se conecta e comunica.

Precisamos agora equiparar o avanço do ciberespaço com as narrativas que estão ocupando o referido habitat. Nesse universo em rede, as identidades dos usuários possuem inúmeros agrupamentos possíveis e vieses que convertem algo virtual em real. As interações diante dos produtos audiovisuais representam um desses avanços, afinal, a ideia dessa dinâmica conectiva inicia-se pelo consumo da série; por meio dessa circulação, estratégias são criadas para um posicionamento conectivo; por fim, há a devida interação e retorno após ter sido imerso nesse fluxo.

O ecossistema comunicacional digital é o responsável por transportar a ação do fluxo para diferentes esferas do consumo e identidades midiáticas. Se na cultura de massa - via acrescentamento da indústria cultural - o receptor é associado a premissa de fluxo estabelecida pelo emissor e torna-se assim um mero consumidor; na cultura das mídias há uma somatória nesse papel, e portanto o fluxo midiático permite ao receptor tornar-se um agente cognitivo à obra.

Com isso a identidade cognitiva é estabelecida por meio da junção de narrativas representadas nos produtos seriados e a hiperconectividade que as mesmas expandem-se para as redes. A setorização do consumo em nichos, individualizado ou grupos restritos é uma oposição aos grandes hits difundidos e consumidos em massa. Esses, por sua vez, usam do padrão mundialmente consumido para construir aspectos de identidade, e, portanto, atingem histórias e temáticas já saturadas e com recortes que nem sempre condizem com as múltiplas identidades que “furam” tais enredos, tornando-as assim, caricatas, apelativas e fora do interesse daquele público que não se sente contemplado e representado com a contextualização episódica em si.

A Conexão Entre “Atypical” e “Alexa & Katie”

Imersos nos conteúdos e habitats digitais, a Netflix vem disponibilizando, cada vez mais, títulos originais para recheiar seu catálogo. Partindo desse pressuposto e análise, inferimos que tal feito adquire um valor de exclusividade para a mesma, uma vez que aquela obra seriada, documental ou cinematográfica exerce a ligação emissor - receptor exclusivamente por intermédio do uso da plataforma. As séries passam a ganhar uma crescente variedade, quando discutimos os diferentes vieses que assumem, expandindo-as frente um equiparação “lado a lado” entre os demais títulos ofertados. Essa afirmação visa fortalecer a máxima da gama heterogênea que movimenta esse fluxo, e a partir disso, surge uma funcionalidade que o público tem em mãos de consumir aquilo que lhe apetece e de algum modo, se identifica.

Dessa forma algumas narrativas diferenciadas estão ganhando espaços que vão ao encontro das diversidades de personagens e temáticas. Essas ambientam toda a dinâmica ficcional e transmitem para o sujeito real e também consumidor, uma nova personificação almejada de identidade que passa a ser representada na série. Com essa premissa, a desconstrução de um personagem tipicamente comercializado, com uma

superficialidade temporal e com características que sustentam um padrão fixo identitário, estão possibilitando uma atmosfera para a multiplicidade estrutural das respectivas obras. A partir dessa perspectiva amplia-se um cenário de discussão e conhecimento de visões distintas, e mesmo que romantizada, mais aptas para ressignificarem a conformidade entre a identidade e o laço social com os espectadores.

Nesse estudo, o foco encontra-se em narrativas centradas no protagonismo do produto seriado, ou seja, os objetos escolhidos para análise assumem similaridades em parte de sua estrutura, sobretudo, na construção estética das histórias e uma possível reconfiguração do fluxo diante das identidades e da cultura conectiva. Para tais escolhas centramos nossas percepções para: 1. Séries originais Netflix; 2. Protagonista com algum tipo de complicação sustentando a personagem; 3. Contextualização em demais esferas que descentralize o problema central; 4. Público-alvo diferenciado entre as amostragens; 5. Mescla de gêneros, ou mesmo, a hibridização do enredo.

Com essa categorização, colhemos a amostragem para estudo de duas séries, são elas: “Atypical” e “Alexa & Katie”. Para essa análise, estamos propondo uma reflexão partindo de produtos que circulam em uma escala global e os possíveis impactos que podem resultar devido à essa abordagem cultural e social contrastante em sua construção. Entenderemos suas particularidades e características individuais como fatores potenciais de identidades e como isso reverbera desde a referida complexidade até a ressignificação aplicada às redes.

Inicialmente iremos nos aprofundar em “Atypical”. A série é definida pela provedora como uma comédia dramática. Foi lançada no dia 11 de agosto de 2017 e retrata a história de um rapaz de 18 anos (Sam Gardner) com Síndrome de Asperger⁷, dentro do espectro autista. A narrativa baseia-se no estímulo que a psicóloga reverbera nele em encontrar uma namorada, compilado com temáticas familiares e dilemas escolares.

⁷ A Síndrome de Asperger é um transtorno do espectro autista, que antigamente era considerada uma condição relacionada, mas distinta do autismo. A redefinição ocorreu após maio de 2013. Segundo a Associação Norte-Americana de Psiquiatria, além da reclassificação, houve mudança ainda nos critérios para o diagnóstico. Antes, ele era baseado em três grupos de sintomas (déficits de interação social, de comunicação/linguagem e padrões repetitivos de comportamento/estereotípias). Agora há dois grupos de sintomas para o diagnóstico: 1) Déficits de comunicação/interação social: déficit na reciprocidade das interações, déficits nos comportamentos não-verbais, dificuldade de desenvolver/manter relacionamentos; 2) Presença de um padrão repetitivo e restritivo de atividades, interesses e comportamentos: estereotípias (ecolalia, p.ex.), insistência no mesmo, adesão estrita a rotinas, interesses restritos/incomuns, hiper/hipo reatividade a estímulos sensoriais. Disponível em <<https://novaescola.org.br/conteudo/279/o-que-e-a-sindrome-de-asperger>>. Acesso em 23 mar. 2017.

Há uma variação temporal e espacial referente à três complexidades, a primeira no núcleo familiar composto pela mãe, pai e irmã (figura 1); a segunda no espaço escolar, com a relação de amizade e namoro; e por fim, a da própria síndrome, que permeia as complexidades anteriores, mas abre a gama para mais narrativas, como a ligação com a psicóloga, traumas de outros personagens, enredos cruzados (na terapia por exemplo) e demais entrelinhas na interpretação do protagonista.



Figura 1 - A narrativa parte do protagonismo complexo, com a centralidade de uma visão que rompe padrões

A estética circunda em um universo tipicamente adolescente e americano, globalmente distribuído pelos produtos audiovisuais. A narrativa ora dramática, ora comédia, ameniza e suaviza a densa discussão por trás de toda complexidade. Por fim, é interessante o desenrolar dos episódios, nesse caso, a série já se diferencia por colocar as histórias a partir do olhar do portador da síndrome (que também é o protagonista da ficção) daquele que mais do que qualquer outro, sente e seria capaz de descrever cada passo dessa contextualização.

De acordo com Stuart Hall (2000) as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, diante de *Atypical*, a representação torna-se construída ao longo de uma “carência” que a discussão central já possuía, uma divisão complexa que transporta o espectador ao lugar do Outro, e que assim, processos comunicacionais inéditos e representativos à um nicho expandem-se para uma história completa com amarrações que geram variáveis empatias. Ressaltamos que a importância de abordagens que saem do que já é tipicamente comercializado e romantizado pelas séries e conteúdos

audiovisuais em um todo, criam um ecossistema que varia-se pelo afeto ao representar um “ponto escuro” diante das luzes cinematográficas.

A projeção identitária a partir do público é um resultante da preocupação da produção de um conteúdo inclusivo que soma as histórias à uma realidade que não está sendo retratada aparentemente de forma especulativa, mas como uma adição ao que é proposto refletir. Abordar um assunto tão importante através do protagonismo da série traz à tona discussões sobre inclusão social e os desafios que são enfrentados pelo portador dessa e de demais síndromes, e por todos que o circundam. O papel de uma produção como essa quebra as barreiras do entretenimento, pois ao tratar de um assunto tão delicado de forma consciente, não apenas diverte, mas auxilia na conscientização do público atingido pela série.

Com isso avançamos para nosso segundo objeto, que é a série “Alexa & Katie”. A série ainda recente nas estreias da plataforma, inaugurou seu título no cardápio dia 23 de março de 2018. A narrativa gira em torno do câncer diagnosticado na adolescência e com isso as identificações *teens* já comercializadas, são somadas à essa complicação de saúde, porém presente no cotidiano de muitos jovens. Em síntese, apesar de estar passando por um tratamento contra o câncer, Alexa (portadora da doença e protagonista) mantém uma personalidade extrovertida e com grande entusiasmo pela vida, especialmente ao lado de sua fiel e melhor amiga Katie.

Essa série por sua vez é destinada ao público infanto-juvenil, e assemelha-se muito às produções da Disney. Também rotulada como uma comédia dramática, após cenas humorísticas há sempre um conjunto de risadas simulando o que seria a reação de uma plateia. A faixa etária das personagens condizem com o público que almejam o foco da narrativa, ambas são recém ingressantes do ensino médio norte-americano e carregam mais histórias além da centralidade do tratamento do câncer: rivalidade entre amigas, dupla jornada de mães, afastamento parental, carreira, dinheiro, etc. Dessa forma, assim como *Atypical*, a narrativa complexa de todos os personagens abordam, em algum momento, similaridades com parte do público. Portanto a dramatização pelo câncer entra como uma ambientação das demais narrativas, porém não diminui a importância de ser representado e oferecido para esse nicho de consumidores.



Figura 2 - A narrativa aborda a adolescência e complicações na saúde pouco mostrada nessa faixa etária

Na imagem de divulgação dessa série há um posicionamento mais evidente da delicadeza do assunto. Mesmo que só após um primeiro contato essa descrição seria possível, é importante ressaltarmos que de certa forma rompe com algumas estéticas e padrões de narrativas, afinal, a mesma centraliza seus episódios para uma amizade, e não um romance. Além disso, há cenas que são ambientadas no hospital e com menos morbidez do que estamos submetidos nessas representações. Portanto, há uma leveza clara nessa série que deixa evidente o que Alexa também luta ficcionalmente: precisamos lidar com mais frequência e menos diferenças à esses tipos de complicações relacionadas à saúde. Com isso mais espaços no audiovisual ganharia narrativas, não mais atípicas, mas inclusivas às multiplicidades de identidades e questões sociais nas quais os seres humanos estão submetidos.

Com os serviços de *streaming* de conteúdo audiovisual, esse estado de coisas se aprofunda e se complexifica, inclusive suas narrativas. Que a nosso ver utilizam linguagem e linguajar diferenciados, exploram universos inéditos, o que nossa pesquisa entende como um diferencial frente às identidades culturais. Entendemos que a recepção *on-demand* pode fazer emergir um sujeito mais astuto nas suas escolhas, pois o sistema de busca deste modo de assistir o audiovisual traça um perfil da recepção paralelo à construção e projeção de fatores identitários.

A expansão do formato de circulação das séries possibilitou também uma expansão na diversidade possível de narrativas. Não existir uma “prateleira” não impede que espaços físicos sejam o motivo para esse tipo de oferta, e com isso mais nichos são contemplados com suas particularidades e identidades.

Considerações Finais

A nossa sociedade está em eterna transformação, assim como as arquiteturas digitais. Dentro desse ambiente as séries vem como importante propulsoras de conteúdos relevantes, desempenhando um papel duplamente importante: a caracterização de novas estéticas comunicacionais dentro da web e como emissárias de mensagens relevantes aos espectadores. A grande gama de possibilidades em inserir temáticas relevantes nesse universo das webséries traz uma cartela de novas experiências a serem descobertas e inseridas em diferentes plataformas, com uma potencialidade de quebrar tabus e abranger cada vez mais diversificados públicos.

O deslocamento do sujeito “eu” é fundamental para dar espaço ao olhar do outro; para que haja significado nessas representações midiáticas; para que as interações não sejam meramente mercadológicas, e caso sejam, que não vise comercializar o caráter inferior ou caricato das identidades, mas sim, o espaço que tais indivíduos não possuem em suma igualdade no ambiente real e, por meio das mídias, podem conquistá-lo ao quebrarem tabus, barreiras sociais e comprovarem que possuímos perfis e particularidades que nos colocam em convívio em rede da mesma forma como somos colocados em coletividade social.

Como abordado por Santaella (2003), o acontecimento das redes é possível quando os nós, elos e laços são estabelecidos entre os agentes e suas ligações e trocas. Ou seja, essa simultaneidade de múltiplas esferas do ciberespaço, colocam e desenvolvem inúmeras associações para o que denominamos neste trabalho de identidade.

Por fim, concluímos que esse estudo que mescla fluxos, narrativas e identidades coloca em evidência características históricas, geográficas e culturais relacionadas aos recortes atípicos e afetuosos dessas narrativas. Afinal, estamos presos a uma cultura global que segue um padrão estereotipado em construções seriadas - foco do nosso estudo - e que permite dessa circulação como a “centralização” de um sujeito com características homogêneas. Todavia, há uma implicação que parte da *produsage*⁸ e faz

⁸ Jenkins define *produsage* como "a construção colaborativa e contínua para ampliação do conteúdo existente em busca de melhorias adicionais". Disponível em http://henryjenkins.org/blog/2008/05/interview_with_axel_brunns.html>. Acesso 20 de abr. de 2018.

com que deixemos de ser “cegos” diante dessas inúmeras identidades e complicações sociais, que merecem destaque frente às representações midiáticas, e nos tornemos então pelo menos “míopes” em relação a isso. Estamos com dificuldade ainda de enxergarmos esses outros olhares e histórias, porém já conseguimos assistir de longe algum avanço para que essas narrativas deixem de ser atípicas e tornem-se reconhecidas à essa “naturalidade” complexa de narrar e conectar real e ficção à uma visibilidade latente de representação e estima.

REFERÊNCIAS

ESQUENAZI, Jean-Pierre. **As séries televisivas**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009

_____. **From Production to Producersage: Interview with Axel Bruns (Part One)**. Disponível em: <http://henryjenkins.org/blog/2008/05/interview_with_axel_bruns.html>. Acesso em: 20 abr. 2018.

JENKINS, Henry; GREEN, Joshua; FORD, Sam. **Cultura da Conexão** – Criando Valor e Significado por Meio da Mídia Propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

NOVA Escola: **O que é a Síndrome de Asperger?**. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/279/o-que-e-a-sindrome-de-asperger>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: De cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003

_____. **Comunicação Ubíqua**: Repercussões na Cultura e na Educação. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. In: Patricia Lupuion Torres. (Org.). Complexidade: Redes de Conexões na produção do conhecimento. 1ed. Curitiba: **Kairós Edições**, 2014, v. 1, p. 27-44.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.